

O memorial mediático português do 9/11. Distorções, omissões, e a fábula da vitimização do agressor

Rui Pedro Fonseca*

A data 11 de Setembro adquiriu uma conotação icónica devido aos horrendos eventos das torres gémeas que vitimizaram aproximadamente 3,000 pessoas nos EUA. Esta data reforçaria uma agenda mediática orquestrada pelos poderes políticos e empresarias dos Estados Unidos: a “*luta contra o terrorismo*”. As comemorações aparatosas e mediatizadas do 11 de Setembro de 2001 consagraram o acontecimento como o símbolo máximo de um atentado terrorista: 11 de Setembro tornou-se “no” atentado terrorista.

Representado com uma incomparável unicidade, tem permitido enfatizar uma ideologia de vitimização dos Estados Unidos. Um país que, com um poder militar incomparável, detém o registo mais vasto de atentados terroristas cometidos ao longo do século XX e XXI. Tal decorreu de forma continuada e repetida em vários países da América Latina (sob a Doutrina Monroe), em que os comunistas hispânicos eram iminentes “*ameaças à segurança interna*” dos EUA. Assim sucedeu e sucede no Médio Oriente, após a segunda metade do século XX, sob o pretexto da “*ameaça do terrorismo islâmico*”. Ao longo da história revelou-se um consistente registo de declarações

políticas padronizadas que antecederam as diversas intervenções dos EUA em vários países: utiliza-se a repetida doutrina de guerra, já tornada receita, de que a “*segurança interna*” dos EUA é ameaçada, e aterroriza-se a própria população de forma a criar-se consenso sobre a uma “*guerra preventiva*” a inimigos (fabricados) que planeiam ataques iminentes. Relembre-se que os Estados Unidos, sob a administração Reagan, foram considerados culpados (em 1986) pelo *Tribunal Internacional de Justiça* pelo “*uso ilegal de violência*” (terrorismo internacional) pelas suas acções militares na Nicarágua onde milhares de civis (“*alvos moles*”) foram assassinados e em que o país ficou substancialmente destruído. Estes ataques terroristas seriam acompanhados de guerras económicas devastadoras cujo objectivo principal foi derrubar o movimento popular Sandinista. Prontamente, os Estados Unidos ficariam imunes a qualquer sanção pois imediatamente iriam vetar uma resolução do *Conselho de Segurança das Nações Unidas* que exigia a todos os Estados que aderissem à lei internacional.

Estas doutrinas de guerra têm reunido o (aparente) consenso da opinião pública também graças a um intenso trabalho de desinformação e doutrinação de fontes mediáticas

*Instituto de Sociologia Universidade do Porto.

como o *New York Times*, a *CBS*, a *Fox News*, a *CNN*, *ABC*, entre muitas outras, que representam predominantemente os interesses das elites políticas e empresariais. São estas as fontes noticiosas, e inclusivamente os seus modelos de informação, que os *mass-media* em Portugal insistem referenciar e decalcar como as oficiais e inquestionáveis. O enredo mediático português do 11 de Setembro tornou-se numa arma ideologia mediaticizada, com uma lógica interna. Mas como todas as ideologias, apresenta fragilidades e incoerências. Desde logo, porque apresenta uma realidade totalmente invertida, em que os agressores se tornam nas vítimas e as vítimas se tornam nos agressores. Apesar de existirem documentos que apontam que, no mínimo, a Casa Branca esteve envolvida nos ataques, de que as torres demolidas resultaram de um trabalho interno (*inside job*), esses tópicos de discussão jamais são apresentados. Em segundo lugar, porque retira aos agressores (EUA) a possibilidade de serem alvos de qualquer tipo de crítica pelos seus crimes humanitários cometidos além fronteiras que têm vindo e ameaçam cometer: porque afinal, apenas se “*defendem de possíveis ataques terroristas*”. Em terceiro lugar, porque retira importância histórica e ética a dezenas de ataques militares terroristas cometidos pelos EUA, dos quais resultaram, em vários pontos do planeta, danos materiais e civis bem mais graves que os 11 de Setembro de 2001 – a ocupação militar ilegal no Iraque, é um dos exemplos, entre vários que não são recordados pelos *media* de referência:

No Chile, 11 de Setembro de 1973, é uma data recordada em que Salvador Allende, o primeiro presidente democraticamente eleito, seria vítima de um fabricado

golpe de Estado que originaria a subida ao poder do ditador Augusto Pinochet. Seria uma operação totalmente suportada pelos EUA, nomeadamente pelo presidente Richard Nixon, pelo conselheiro de segurança Henry Kissinger, assim como pela CIA. Chile tornar-se-ia na primeira experiência de laboratório de um novo modelo económico, permitindo aos “*Chicago Boys*”, particularmente ao economista Milton Friedman, descentralizar o poder chileno com um programa que colocou em prática a expansão de multinacionais norte-americanas; a privatização da riqueza e dos programas sociais; a desregulação do mercado interno; a liberalização das trocas comerciais; o esmagamento de sindicatos de trabalhadores; e reformulação da constituição e das leis internas¹. Tudo isto foi engendrado sob a condição de ausência de um regime democrático, com o acórdão de um ditador, Augusto Pinochet, que assassinaria imediatamente após o Golpe de Estado cerca de 3,197² pessoas e, ao longo da sua “guerra contra o terrorismo”, seriam assassinados mais 30,000 civis. Outros civis foram torturados, outros abusados sexualmente, outros veriam negadas liberdades civis, muitos outros seriam detidos, centenas desapareceriam sob suspeição de “terrorismo”.

A 11 de Setembro de 1990, Myrna Mack Chang, uma antropóloga activista promotora dos direitos humanos, seria assassinada “*por*

¹“*A Critique of the Chicago School of Economics: CHILE: THE LABORATORY TEST*”: <http://www.huppi.com/kangaroo/L-chichile.htm>.

²“*Moreorless: heroes & killers of the 20th century*” Augusto Pinochet: <http://www.moreorless.au.com/killers/pinochet.html>.

saber demais” e por querer divulgar o que os regimes militares ditatoriais da Guatemala, apoiados politicamente, armados e treinados pelos EUA, haveriam cometido ao longo de trinta anos em políticas estatais de terror implementadas, em prole de interesses de elites empresariais dos EUA. No respeito à violação dos direitos humanos que Myrna Mack Chang queria denunciar, ficam os números de mais de 150,000³ pessoas assassinadas e cerca de 50,000 tornadas desaparecidas. Na Guatemala o capitalismo militar colonial norte-americano, sem contar com os outros países da América Central, permitiu a algumas multinacionais como a Starbucks, Goodyear ou a McDonalds, entre outras, lucrarem, com isenção de obrigações fiscais ao Estado guatemalteco, e à custa da exploração da mão-de-obra e de crimes ambientais documentados.

A 11 de Setembro de 1977, Stephen Biko, activista anti-apartheid da África do Sul, seria espancado pela polícia e levado para Pretória onde morreria no dia seguinte. A Administração de Ronald Reagan rotularia a *African National Congress* como uma organização terrorista (assim como Nelson Mandela) e permaneceria leal ao regime P. W. Botha porque consistia, de acordo com as suas palavras proferidas à CBS (1981): “num país estrategicamente essencial para o mundo livre da produção de minerais.”⁴

³Gareau, Frederick Henry (2002). *The United Nations and other international institutions: a critical analysis*. Rowman & Littlefield. p. 246. ISBN 9780830415786.

⁴“*Allied with Apartheid: Reagan Supported Racist South African Govt*” (2004) Democracy Now: http://www.democracynow.org/2004/6/11/allied_with_apartheid_reagan_supported_racistJune11,2004.

Mesmo com um crescente movimento internacional contra o governo apartheid, que não mostrava sinais de reformas, Reagan, na representação dos interesses empresariais de então, manteria uma aliança leal e firme com o governo da África do Sul, ao implementar, através do Conselho de Segurança da ONU, sanções contra o país, que seriam depois contrariadas pelo Congresso.

Graças ao espectacular aparato dos *mass-media* portuguesas, em particular do canal do Estado que é pago com o dinheiro dos/as contribuintes, omitem-se outros “onzes de Setembro”, como os mencionados acima cuja importância histórica é irrefutável. Nem tão pouco são recordados outros atentados terroristas e crimes contra a humanidade de forma tão intensa e diversificada, quer por meio de documentários, noticiários, programas de entretenimento ou pelo cinema, como a indústria do “11 de Setembro de 2001” tem direito. No dia 11 de Setembro de 2011, um amplo espectro televisivo português focou, sob diferentes ângulos, as imagens das torres a caírem dezenas de vezes: o terror humano foi mostrado numa dimensão sem precedentes: as vítimas dentro das torres a arder despediram-se dos entes queridos com mensagens de voz; as suas caras, identidades e histórias de vida são recordadas pelos/as filhos/as, pelas viúvas/os, pelos amigos/os, pais, e por conhecidas/os. Autoridades policiais, políticos, empresários, bombeiros, multidões, todos se reuniram no *Ground Zero* e incitaram à memória colectiva desse dia trágico.

Contudo, os enredos mediáticos do 9/11 apresentaram-se estanques no tempo e na história, como se fosse um evento desligado do passado e sem consequências trágicas para o futuro (pós-evento), nomeadamente

dos milhões de populações de outros países do Médio Oriente que continuam e irão certamente sofrer. Continuaram a evitar-se os debates e opiniões divergentes, ou a colocação de determinadas questões relacionadas com as raízes e consequências dos atentados, ou a hipótese de que o 9/11 ter sido um trabalho interno (ou, no mínimo, com conivência do governo dos EUA). Omitiram-se as novas versões que contrariam versão oficial, de que, por exemplo apontam para provas de que as torres foram antecipadamente preparadas para implodirem após o abate dos aviões, ou que o que se abateu sobre o Pentágono não foi um avião, mas antes um míssil, etc.

Os *media* de referência simbolizaram o “terrorismo internacional” na sua dimensão distorcida, mas conivente uma agenda de guerra que pretende doutrinar audiências e reunir consenso para mais invasões ilegais (à luz da lei internacional) no Médio Oriente. Oculta-se que os grandes inimigos dos EUA são “*Made in USA*”. Que, por exemplo, a rede terrorista islâmica Al Qaeda e Bin Laden foram uma guerrilha treinada e apoiada militarmente pela CIA, quer no Paquistão, quer no Afeganistão; ou, ocultou-se que a brigada islâmica Taliban era composta por graduados da CIA também ajudados militarmente pelas administrações de Ronald Reagan, George Bush (pai) e Bill Clinton para expulsar os soviéticos do território Afegão.

Uma das outras “fontes seguras” que os *media* portugueses apresentaram e continuam a apresentar em relação a ameaças terroristas, é a própria Casa branca. A mesma que mentiu à comunidade internacional, sob administração Bush (filho), que Saddam tinha armas de destruição maciça; a que in-

dicou que o ditador estava directamente ligado aos atentados do 11 de Setembro; ou que Saddam representava uma ameaça séria à segurança interna dos EUA, etc. Mentiras, também reproduzidas pelos *massmedia* portugueses, que foram usadas para soarem os tambores de guerra, que originaram uma invasão no Iraque em 2003 (ilegal à luz da lei internacional) de onde resultou a destruição de um país desenvolvido, com mais de um milhão de civis mortos até 2011 e um milhão e meio de refugiados – considerados por George Bush apenas como «*danos colaterais*». O mesmo George Bush que, a 24 de Agosto de 2006, quando confrontado com a pergunta “*o que é que o Iraque teve a ver com o 11 de Setembro?*” – o próprio responderia: “*Nada*”.⁵ Mas este pequeno lapso linguístico de Bush que não mereceu qualquer comentário da imprensa de referência. O simples facto de que o presidente Bush enganou a comunidade internacional com provas fabricadas, de forma a ganhar legitimidade para invadir o Iraque onde resultaram milhões de mortos, não foi levado com seriedade e não foi merecedor nem de ténues análises por parte dos *media* portugueses.

A aventura bélica, os crimes de terrorismo cometidos pelos EUA no Iraque não são sequer questionados pelas/os jornalistas e comentadora/es convidadas/os, nos blocos noticiosos ou em outros programas que abordem política internacional. O facto de os agressores actuarem unilateralmente sem respeitarem tratados, leis internacionais, nem pedirem permissão ao Conselho de Segurança da ONU para a invasão do Iraque,

⁵Declarações de George W. Bush na CNN: Iraque had “*nothing*” to do with 9/11: <http://www.youtube.com/watch?v=WSunCsrkLTw>.

tão pouco foi comentado. Dos diversos actos de destruição das forças de ocupação que fustigaram o Iraque, qualquer jornalista minimamente atento/a a fontes não-governamentais, tais como a *Amnistia Internacional*, ou a *Human Rights Watch*, poderia deparar-se com o bárbaro acto de uso de urânio empobrecido em Fallujah (proibido de acordo com a lei internacional) na “*Operation Phantom Fury*”, lançada em 2004. O uso militar destes químicos deixou, e deixará por muito tempo, as suas consequências nas gerações de crianças iraquianas vindouras que já apresentam elevadas taxas de cânceros, leucemia e de sérias deformações físicas.⁶ Estas e outras ocorrências, quando reportadas, surgem apenas como “*danos colaterais*”. Nem tão pouco se questiona se há alguém ou alguma multinacional a lucrar com as atrocidades no Iraque, tal como acontece com um dos casos incontroversos e conhecidos – a Halliburton, em que o principal executivo Dick Cheney, na altura o vice-presidente dos Estados Unidos durante mandato Bush, faria a sua empresa lucrar (entre 2003 e 2006) \$17.2 biliões de dólares com a construção de bases militares, reparações em oleodutos e outros vários projectos de reconstrução⁷ numa nação fustigada por uma guerra ilegítima e ilegal.

No recente memorial mediático sobre os eventos do 11 de Setembro de 2001, es-

⁶“*The curse of Fallujah: Women warned not to have babies because of rise in birth defects since U.S. assault*” in Daily Mail (5th March 2010):

<http://www.dailymail.co.uk/news/article-1255312/Birth-defects-Fallujah-rise-U-S-operation.html>.

⁷“*The 25 Most Vicious Iraq War Profiteers*” Ryan on (July 22, 2008): <http://www.businesspundit.com/the-25-most-vicious-iraq-war-profiteers>.

pectacularmente coberto e reproduzido sem qualquer crítica pelos *massmedia* portugueses, a dor das vítimas foi incessantemente explorada, e a administração de Barack Obama aproveitou o momento para voltar a usar a repetida técnica de aterrorizar a população norte-americana e diabolizar os inimigos bem determinados (como o Irão, a Síria ou Iémen) de forma mobilizar o consenso para mais invasões: «*estamos a enfrentar um inimigo determinado*» e «*vai continuar a tentar atingir-nos novamente, mas estamos a mostrar-lhe neste fim-de-semana que continuamos vigilantes.*»⁸

Com este tipo de padrão informativo, hipócrita no que respeita aos valores e direitos humanos, porque não valem para todos mas apenas para alguns, os *massmedia* em Portugal tornam-se cúmplices de uma agenda de guerra, afirmada oficialmente como a “*guerra preventiva*”. Continuarão a ser uma útil ferramenta ao serviço sobretudo dos interesses económicos de grupos empresariais norte-americanos e britânicos de armamento, de energia, de construção, de segurança, de indústrias de alta tecnologia, etc. Úteis, numa outra instância, para legitimar o terrorismo colonizador ocidental, para que os recursos não sejam usados pelas populações locais, mas que sejam antes desviados para os bolsos das pessoas certas, das multinacionais certas.

⁸*Obama diz que os atentados tornaram a América “mais forte”* 10.09.2011 - 22:56 Por Isabel Gorjão Santos: http://www.publico.pt/Mundo/obama-diz-que-os-atentados-tornaram-a-america-mais-forte_1511341.